

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ELÓI DAIBELLO

**AS RELAÇÕES PESSOAIS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA:
Uma experiência com alunos de
4ª série**

Campinas
2005



ELÓI DAIBELLO

**AS RELAÇÕES PESSOAIS NA
EDUCAÇÃO FÍSICA:
Uma experiência com alunos de
4ª série**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Elaine Prodócimo

Campinas
2005

UNIDADE FEF/1102
N.º CHAMADA:
TCC/Unicamp
D14r
V. Ex.
LAMBDO BC/ 2677
PROJ.
 0
PREÇO 11,00
DATA 22/12/05
N.º CPD 375183
200600601

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

D14r Daibello, Elói
As relações pessoais na educação física : uma experiência com
alunos de 4ª série / Elói Daibello. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientadora: Elaine Prodócimo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Sociedade. 2. Educação. 3. Educação física. 4. Relações
sociais. 5. Inteligência. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade
Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

ELÓI DAIBELLO

**AS RELAÇÕES PESSOAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA:
Uma experiência com alunos de 4ª série**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Elói Daibello e aprovado pela Comissão julgadora em: 21/11/2005.

Elaine Prodócimo
Orientador

Hermes Ferreira Balbino

Campinas
2005

DAIBELLO, Elói. **As relações pessoais na educação física**: uma experiência com alunos de 4ª série. 2005. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

As relações pessoais constituem parte fundamental do desenvolvimento humano, e o meio social traz os elementos responsáveis por esse desenvolvimento, ou seja, pela formação de cada indivíduo, marcado essencialmente pela cultura na qual se está inserido. A escola, sendo uma das instituições envolvidas no processo educacional, responsável pelo aspecto mais formal da educação, tem responsabilidade de contribuir significativamente nesse processo de formação dos seus alunos. Se a educação tem como objetivo principal a promoção do homem, visando o seu desenvolvimento amplo, são justamente as necessidades humanas que devem determinar os objetivos educacionais e estes por sua vez devem agir dentro de um “contexto existencial concreto”, ou seja, de acordo com as necessidades concretas de cada sociedade. A Educação Física Escolar, ao compor o quadro de disciplinas existentes no currículo escolar, constitui-se parte do sistema educacional, sendo, portanto, também responsável por esse processo de formação dos alunos. Dessa forma, este trabalho buscou analisar uma proposta de intervenção, na qual através de atividades de áreas de conhecimento da Educação Física, foram enfatizados elementos das relações pessoais, justamente pela constatação da necessidade de se trabalhar tais elementos com os alunos em questão, devido principalmente ao fato dos mesmos demonstrarem sérias dificuldades de relacionamento. Para a realização desta pesquisa, utilizamos de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e participante. Optamos por uma pesquisa qualitativa porque julgamos não ser possível, em nosso caso, uma análise quantitativa de dados, uma previsão de resultados que pudessem ser generalizados ou metas a serem alcançadas. É também participante, porque o objetivo maior da pesquisa girou em torno de análises de aulas propostas por mim, dirigidas a uma turma específica de 4ª série, sendo também descritiva em virtude das análises das mesmas centrarem-se nos seus respectivos relatórios feitos ao final de cada aula, nos quais buscou-se descrever a realidade abordada. Para tais análises, buscamos apoio na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, principalmente em relação às inteligências pessoais, justamente por estas encontrarem-se intimamente relacionadas com o assunto em questão, ou seja, com o desenvolvimento das relações interpessoais e intrapessoais. Objetivou-se com isso, a transcendência do entendimento de tais necessidades para além das atividades em si, possibilitando uma compreensão mais ampla por parte dos alunos. O objetivo principal não buscou analisar mudanças no comportamento ou aquisição de alguma habilidade, mas analisar a contribuição de cada aula no sentido de apresentar possibilidades em meio às relações pessoais.

Sociedade; Educação; Educação Física; Relações Sociais; Inteligências

DAIBELLO, Elói. The personal relations in the physical education: An experience with pupil of 4a series. 2005. 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

The personal relations constitute fundamental part of the human development, and the social environment get the elements responsible to this development, or either, to formation of each single human, marked essentially by the culture that he is inserted. The school, been one of the institutions involved in the educational process, responsible the most formal aspect from the education, has responsibility of contribute to this process of formation of the pupils. If the education has as principal objective the man promotion, appointing his ample development, are justly the human necessities that must determinate the educational objectives and these must act in a “concrete existential context”, according to the concrete necessities of each society. The school Physical Education, when composing the list of disciplines existing in the pertaining to school resume, consists part of the educational system, being, therefore, also responsible for this process of formation of the pupils. Of this form, this work searched to analyze an intervention proposal, in which through activities of areas of knowledge of the Physical Education, had been emphasized elements of the personal relations, exactly for the verification of the necessity of working such elements with the pupils in question, to the fact of the same ones to demonstrate serious difficulties of relationship. For the accomplishment of this research, we use of a qualitative boarding, of descriptive and participant character. We opt to a qualitative research because we judge not to be possible, in ours in case that, a quantitative analysis of data, a forecast of results that could be generalized or goals to be reached. It is also participant, because the objective biggest of the research turned around analyses of lessons proposals for me, directed to a specific group of 4^a series, being also descriptive in virtue of the analyses of the same ones to be centered in its respective reports done to the end of each lesson, in which searched to describe the boarded reality. For such analyses, support in the theory of multiple intelligences of Gardner, mainly in relation to personal intelligences, exactly for these to meet very related with the subject in question, or either, with the development of the interpersonal and intrapersonal relations. It was objectified with this, the ampliation of the agreement of such necessities for beyond the activities in itself, making possible an ampler understanding by the pupils. The main objective did not search to analyze changes in the behavior or acquisition of some ability, but to analyze the contribution of each lesson in the direction to present possibilities in way to the personal relations.

Society; Education; Physical Education; Social relations; Intelligences.

SUMÁRIO

1 Introdução	07
1.2 Objetivo	08
2 O social no desenvolvimento humano	09
3 Educação, escola e sociedade	13
3.1 A educação física como parte do sistema social	14
4 Sobre as inteligências múltiplas	17
4.1 As inteligências pessoais	19
5 Método	23
5.1 Caracterização do ambiente	23
5.2 Coleta de dados	25
Aula 1	27
Aula 2	30
Aula 3	33
Aula 4	35
Aula 5	38
Aula 6	40
Aula 7	42
Aula 8	44
Análise geral	47
Considerações finais	50
Referências Bibliográficas	52

1 Introdução

Durante o tempo de contato com os alunos no decorrer do estágio em uma escola da periferia de Santa Bárbara d'Oeste, além do contato e conversas com os professores, pude conhecer bem o local. Desde então fui me familiarizando com os problemas existentes nesse ambiente escolar, que não se limitam ao espaço físico da escola, mas envolvem todo um contexto e trazem consigo as conseqüências para dentro da escola. Um dos maiores desafios dos professores é lidar com as dificuldades de relacionamento que apresentam os alunos.

Segundo relato de uma professora da 4ª série, o que se observa nessa escola é uma falta de noção de respeito por parte dos alunos, tanto para com seus colegas como para com os professores e outros funcionários. Segundo esse mesmo relato, um dos fatores que contribui negativamente, prejudicando o aprendizado e conseqüentemente o desenvolvimento da turma, é a dificuldade de concentração de alguns alunos, geralmente desencadeada por brigas e discussões freqüentes nas quais se observa a necessidade de alguns de “dominar” a situação, em chamar constantemente a atenção de todos para si, impondo sempre e somente as suas vontades. Outra questão importante relatada é a discriminação constante de alguns alunos para com seus companheiros de classe, havendo rejeição à interação, o que acaba dificultando trabalhos que exigem uma maior socialização como atividades em grupo.

Nesse sentido, pode-se observar uma grande deficiência naquilo que podemos chamar de consciência do outro. A falta dessa consciência, a dificuldade de saber se colocar no lugar do outro, de se comunicar com o outro, de agir conjuntamente com ele, caracterizam um comportamento egocêntrico, não importando a vontade alheia, mas apenas o próprio indivíduo. Observa-se, portanto, grandes dificuldades de relacionamento entre os alunos.

A partir da constatação de alguns desses problemas que envolvem esta e também outras escolas públicas brasileiras, faz-se necessário a busca por um referencial teórico que permita uma melhor compreensão a respeito do comportamento do ser humano e da sua formação. Buscou-se então, primeiramente uma análise referencial sobre essa questão e posteriormente uma análise sobre os principais objetivos da educação e as possíveis contribuições da escola e da educação física para o processo educacional. Por fim buscou-se também o referencial teórico sobre as inteligências múltiplas de Gardner, principalmente em relação às

inteligências pessoais, justamente por estas estarem intimamente relacionadas com o desenvolvimento das relações pessoais.

1.2 - OBJETIVO

Este trabalho tem por objetivo analisar possibilidades de inserção de situações estimuladoras das relações pessoais nas aulas de educação física com alunos de 4ª série.

Para tais análises, buscou-se apoio na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, especificamente nas inteligências pessoais (inteligência interpessoal e inteligência intrapessoal) pelo fato das mesmas encontrarem-se intimamente relacionadas com o assunto em questão, ou seja, com o desenvolvimento das relações interpessoais e intrapessoais.

2 O SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Na psicologia podemos encontrar várias definições de comportamento, também diversas teorias que buscam explicar suas origens pautadas nas diferentes concepções filosóficas existentes. Procuramos neste trabalho, no entanto, não nos restringirmos unicamente à psicologia para buscarmos o apoio teórico necessário para o entendimento do assunto em questão. Entendemos que outras áreas do conhecimento também podem nos ajudar a encontrar pistas para entendermos um pouco melhor o agir do ser humano nas suas relações pessoais e também com o mundo. Para isso, buscamos elementos presentes na antropologia e na sociologia que se complementam e se alinham perfeitamente com a psicologia social que adotamos como base para esse trabalho.

Em relação à psicologia, buscamos em Vygotsky (1998) elementos para o entendimento da presente questão. Conhecedor dos trabalhos de Marx e Engels, Vygotsky tomou o marxismo e a dialética como ferramentas de grande relevância em seu projeto de formular uma nova psicologia que permitisse compreender a gênese das Funções Psicológicas Superiores, indo além dos experimentos do tipo estímulo-resposta (defendida e aplicada por Pavlov em experimentos com cães) que permitiam apenas a explicação das funções humanas elementares, e as simples descrições da Psicologia Mentalista sobre os processos superiores humanos. Vygotsky buscou compreender a origem do comportamento *consciente* do homem.

Enfatizando a origem social e a estrutura mediadora dos processos psicológicos humanos, Vygotsky vale-se da tese de Marx para afirmar que as mudanças históricas na sociedade através da atividade humana produzem mudanças na própria natureza humana (consciência e comportamento), construindo novas formas de comportamento e acredita que é através da interação com outros indivíduos e da ação sobre o meio que o indivíduo vai se transformando de ser biológico em ser Histórico-Cultural ou Sócio-Histórico.

A abordagem dialética admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças nela provocadas, novas condições naturais para sua existência. (Vygotsky, 1998, p. 80).

Ainda segundo este mesmo autor, a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana.

Vygotsky (1998) criticou as teorias que afirmavam que as propriedades das funções intelectuais do adulto são resultado unicamente da maturação, ou em outras palavras, estão de alguma maneira pré-formadas na criança, esperando simplesmente a oportunidade de se manifestarem. De acordo com ele:

[...] a maturação *per se* é um fator secundário no desenvolvimento das formas típicas e mais complexas do comportamento humano. O desenvolvimento desses comportamentos caracteriza-se por transformações complexas, qualitativas, de uma forma de comportamento em outra (ou como Hegel diria, uma transformação de quantidade em qualidade). A noção corrente de maturação como um processo passivo não pode descrever, de forma adequada, os fenômenos complexos. (Vygotsky, 1998, p. 26).

Para ele, as constantes mudanças das condições históricas, que determinam significativamente as oportunidades para as experiências humanas, não permitem que haja um esquema universal que represente a relação entre os aspectos internos e os aspectos externos do desenvolvimento, portanto um sistema de aprendizado de uma criança pode não ser semelhante ao de outra.

Numa outra vertente, mas com pontos comuns, alguns autores nos trazem elementos de uma antropologia social que podem ser úteis para o entendimento sobre como o homem é constituído socialmente.

Em uma abordagem sociocultural, o ser humano é visto como um animal diferente dos demais justamente pelo fato de seu desenvolvimento não estar pré-determinado. A partir de uma visão sócio-antropológica, Daolio (1995) busca em Geertz (1989), argumentos para afirmar que a natureza humana se caracteriza pela ausência de instintos geneticamente programados, os quais estão presentes no comportamento dos outros animais.

[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura [...] (Geertz, 1989, p. 61).

Geertz (1989) também afirma que essa quase ausência de instintos, o que faz do homem um dos animais mais dependentes ao nascer, explica as suas mais variadas formas de conduta, em

que os conceitos, valores, crenças, formam o homem conforme seu meio, ou seja, a sociedade a qual pertence, da qual apropria-se da cultura e com ela contribui. “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens”. (p.61).

Apoiado nessa tese, Daolio (1995) questiona a existência de uma dimensão puramente biológica do homem, e argumenta:

Se houve um desenvolvimento interativo entre os componentes biológicos e socioculturais, um afetando o outro igualmente, não é possível separar esses dois aspectos. O cérebro humano também é cultural, já que desenvolvido, em grande parte após o início da cultura e influenciado e estimulado por atitudes culturais. (p. 33).

Dessa maneira, a maturação biológica não age como determinante única do desenvolvimento. A maturação, segundo Vygotsky (1998) é fator secundário do desenvolvimento humano, sendo ele necessário, mas não determinante.

Apoiados nessa abordagem, acreditamos que o comportamento de um aluno no seu ambiente escolar reflete muitos elementos acumulados historicamente durante a sua vida, repletos de sentidos e significados.

Dessa maneira também podemos dizer que os comportamentos em questão não são tendências naturais do ser humano, típicas e exclusivas de alguma fase do desenvolvimento biológico, mas sim formas de se manifestar construídas historicamente ao longo da vida, dentro de uma determinada cultura, “Porque todo e qualquer homem que se possa considerar será sempre influenciado pelos costumes de lugares particulares, não existindo um homem sem cultura.” (Daolio, 1995, p. 34).

A cultura varia de sociedade para sociedade e também dentro de uma sociedade, além de acompanhar as variações temporais e históricas, sendo elas lentas ou mais rápidas. Se considerarmos então, que a cultura é o conjunto de elementos (valores, crenças, práticas, instituições) que identificam a maneira com que os seres humanos se relacionam entre si e também com o ambiente em que vivem, verificamos que cada um desses elementos exerce influência em maior ou menor grau na vida e no modo de se relacionar das pessoas.

Ao examinarmos os mais diversos tipos de elementos que constituem a nossa cultura, verificamos a existência de inúmeras instituições que se encontram presente na nossa

sociedade na forma das mais diversas organizações sociais, como as igrejas, as escolas, os clubes, os centros de lazer e infinitas outras.

Buscaremos, então, uma análise da instituição educacional, tendo como enfoque a instituição escolar e a disciplina Educação Física, verificando como elas se encaixam no contexto social e como podem exercer seus papéis de modo a atender as necessidades e expectativas da população. Buscaremos analisar como elas podem contribuir no processo de desenvolvimento social do ser humano.

3 EDUCAÇÃO, ESCOLA E SOCIEDADE

Se o ser humano é um ser social, a sua formação não começa na escola, mas desde que ele existe, a escola é apenas parte de um processo, de uma totalidade social com a qual se relacionam a família, amigos e outras pessoas (Fazenda, 1994). Segundo Dias (1984), ela é uma das muitas instituições envolvidas no processo educacional, ficando responsável pelo aspecto mais formal da educação, o que confere a ela uma responsabilidade de contribuir significativamente nesse processo.

A escola, sendo parte desse processo, não deve se omitir perante os problemas que surgem em seu cotidiano, se tem como objetivo contribuir na formação de um cidadão. Saviani (1989), ao considerar que a educação deve sempre visar à promoção do homem¹, coloca que são justamente as necessidades humanas que devem determinar os objetivos educacionais e estes por sua vez devem agir dentro de um “contexto existencial concreto” (p. 42). Se considerarmos o aluno em seu ambiente escolar, devemos então considerá-lo a partir de um contexto existencial próprio, de acordo com as particularidades que lhe são apresentadas em cada fase da vida. Devemos considerar também que cada fase da vida desse aluno, assim como de qualquer outra pessoa, reflete as variações da atividade humana, portanto, das relações de produção existentes na realidade (Oliveira, 2003). Assim, cada pessoa deve ser considerada como sujeito de relações sociais, inserida num determinado contexto social.

Ao colocar que a educação deve ter como objetivo principal a busca da promoção do homem, ou seja, o seu desenvolvimento amplo, Saviani (1989) ressalta a necessidade de torná-lo capaz de conhecer os elementos de sua situação “transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.” (p. 41).

A liberdade permite ao homem uma melhor relação de domínio sobre os elementos presentes em seu meio e, para Saviani, a sua ampliação representa a ampliação das potencialidades dessas relações. Contudo, a liberdade implica, segundo ele, em uma relação

¹ “[...] todos concordam – a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem?” (Saviani, 1989, p. 39).

horizontal entre os homens, ou seja, implica em uma relação de comunicação e entendimento, resultando numa relação de colaboração.

A busca pela liberdade, construída através dos elementos das relações pessoais de comunicação, entendimento e colaboração, deve, então, ser continuamente estimulada na escola, como parte desse processo complexo e contínuo de uma educação que visa transformação da realidade social e desenvolvimento humano.

Devemos, então, observar que as relações sociais compreendem as relações interpessoais e estas contribuem na essência com a formação social de cada indivíduo.

3.1 - A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PARTE DO SISTEMA SOCIAL

A Educação Física Escolar, ao compor o quadro de disciplinas existentes no currículo escolar, constitui-se parte de um sistema educacional, que por sua vez é parte de um sistema social. Betti (1991), baseando-se na teoria dos sistemas² proposta por Buckley (1971), entende a Educação Física Escolar como um sistema hierárquico e aberto³, considerando a relação da seguinte maneira:

O primeiro nível é o macro-social, do qual o sistema educacional é um subsistema; o sistema escolar é um subsistema do anterior, e a educação física é um subsistema do sistema escolar. (Betti, 1991, p. 20).

Sendo uma área de conhecimento que estuda as questões relacionadas ao corpo, a Educação Física pode contribuir significativamente no processo do desenvolvimento do aluno, estimulando elementos importantes na sua formação através do conhecimento que lhe pertence como disciplina pedagógica. Se considerarmos a Educação Física Escolar como uma disciplina situada em um sistema social, temos então que considerá-la a partir de seu contexto sócio histórico, ou seja, como uma área do conhecimento que tem sido constituída culturalmente e acumulada historicamente, sofrendo transformações contextuais ao longo de sua existência.

² “A sociologia sistêmica propõe uma integração entre as teorias psicológicas e sociológicas para explicar a vida social, e como o *indivíduo* participa na sua construção”. (Betti, 1991, p.20)

Uma das propostas metodológicas para o ensino da Educação Física, elaborada por um coletivo de autores⁴ na década de noventa, busca romper com as abordagens tradicionais existentes até o momento e alguns dos reducionismos pedagógicos rumo a uma proposta metodológica para a disciplina na escola, fundamentada no materialismo histórico dialético. Sua concepção denominada *Crítico-Superadora*, situa-se no âmbito das teorias críticas da Educação, tendo como referência o quadro das teorias críticas da Educação elaborado por Demerval Saviani (Oliveira, 2003). Segundo essa concepção, a Educação Física é entendida como uma prática social historicamente situada e culturalmente produzida, sendo que o seu tema de estudo é a *cultura corporal* concretizada em diferentes temas como o jogo, o esporte, a ginástica, as lutas, a dança, a mímica, dentre outros. Sistematizando esse conhecimento em ciclos, essa concepção propõe que o mesmo seja tratado de forma contextualizada, indo da organização da identidade dos dados da realidade, passando pela iniciação à sistematização do conhecimento, pela ampliação dessa sistematização e aprofundamento da sistematização do conhecimento.

Se a Educação Física representa parte do processo educacional (Betti, 1991), e situa-se, a partir dessa concepção, no âmbito das teorias críticas da educação, também cabe a ela contribuir nesse processo de transformação defendido por Saviani, ou seja, contribuir para possibilitar que o homem seja capaz de conhecer os elementos de sua situação “transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.” (Saviani, 1989, p. 41).

Defendemos então que os conhecimentos que fazem parte da Educação Física podem influenciar o aluno em seu ambiente, constituindo assim base para o aprendizado, e conseqüentemente contribuindo para o seu desenvolvimento, levando até eles a possibilidade de um olhar crítico não somente sobre os conteúdos aprendidos, mas também sobre suas condutas e atitudes de participação desse processo, que envolve convívio com outras pessoas, cooperação, discussão, enfim, todo um conjunto de relações de troca que fazem parte da vida em sociedade.

Dessa maneira, a promoção das *relações pessoais* necessariamente deve ser estimulada nas escolas, devendo ser objeto de estudo dos profissionais da educação que desejam que esta tenha como objetivo a promoção do ser humano e o seu desenvolvimento amplo.

³ “É hierárquico porque os níveis superiores do sistema exercem algum controle sobre os inferiores, e aberto porque recebe influência do meio social e ao mesmo tempo influencia com seus produtos”. (Ibidem, p. 17)

⁴ COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

Um dos muitos estudos que apontam para o entendimento das relações pessoais refere-se às *inteligências pessoais*, as quais fazem parte da Teoria das Inteligências Múltiplas que serão discutidas a seguir.

4 SOBRE AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Howard Gardner foi um dos estudiosos da inteligência humana que não se contentou com os conceitos estabelecidos e amplamente aceitos até o momento acerca do assunto. Esses conceitos definiam a inteligência como sendo de ordem genética, podendo ser medida nas pessoas, classificando-as como mais ou menos inteligentes. Essa preocupação com a quantificação e medição da inteligência, denominada de psicometria, permeou boa parte do século XX e ainda hoje é aceita por grande parte das pessoas, apesar de preocupar-se em avaliar as capacidades relacionadas ao raciocínio lógico e à lingüística essencialmente.

Sobre esses paradigmas que dominaram o século XX a respeito da inteligência humana, Gardner (1994, 1995, 1998, 2000) enfatiza os conhecidos testes de QI. Segundo ele, esses testes foram criados pelo psicólogo francês Alfred Binet com a intenção de separar crianças com dificuldades no aprendizado a fim de adequá-las nos níveis de ensino escolar correspondentes. Esses testes foram então adotados pela comunidade científica para se medir a inteligência das pessoas, sendo posteriormente utilizados para os mais diversos fins, como instrumento de seleção de funcionários em empresas, seleção de alunos em escolas etc.

Como relata Gardner (1994), no início do século XX surgiu uma teoria proposta por Spearman que diz respeito à existência de uma inteligência geral, em que um fator “g” determinaria o grau de inteligência de cada pessoa. Dessa maneira, acima desse fator estariam os superdotados e abaixo as pessoas pouco inteligentes.

Descontente com essa idéia de uma única inteligência, e também com a idéia de que a pessoa inteligente é necessariamente aquela que possui capacidades de raciocínio lógico ou capacidades para lidar com a linguagem, Gardner, na década de oitenta, propôs uma teoria que considerasse vários tipos de inteligência diferentes, e que não necessariamente a existência de uma delas estivesse relacionada com a presença das outras. Essa teoria, denominada por ele de Teoria das Inteligências Múltiplas, considera as capacidades e habilidades do homem no seu contexto específico, tomando a especificidade cultural fator determinante para o desenvolvimento dessas inteligências, que são valorizadas segundo as características próprias de cada cultura. Dentro dessa preocupação em buscar novos conceitos de inteligência e conseqüentemente novas aplicações para as mesmas, Gardner formula sua teoria com base em estudos feitos por ele que

consideram a pluralidade da mente, ou seja, cada pessoa tem uma variada gama de capacidades. Notando que as pessoas apresentavam grande capacidade em algumas áreas e pouca capacidade em outras, Gardner reforçou sua teoria que afirma que a dificuldade de aprendizado em uma determinada área não implica necessariamente que não exista facilidade de aprendizado em uma outra área.

Gardner (1994) propôs a existência de oito inteligências de acordo com o domínio de resolução de possíveis problemas, conforme critérios estabelecidos por ele. Elas são classificadas em: Inteligência Lógico-Matemática, Verbal-Linguística, Corporal-Cinestésica, Musical, Espacial, Interpessoal, Intrapessoal, Naturalista.

Dessa maneira, com as inteligências atuando de forma independente, Gardner descarta a idéia de se considerar simplesmente as pessoas como mais ou menos inteligentes, afirmando que todos podem ter condições de desenvolver todas as inteligências. Segundo ele, os fatores responsáveis pelo desenvolvimento de todas essas inteligências estão relacionados, além dos fatores genéticos, ao estímulo existente ou não em cada contexto, como dito anteriormente de acordo com a cultura específica que cada um está inserido.

Armstrong (2001), referindo-se às Inteligências Múltiplas, ressalta que além da fundamentação teórica que embasa a formulação de cada inteligência proposta, alguns pontos são de fundamental importância ao referente assunto. Em primeiro lugar, como disse Gardner, toda pessoa possui todas as oito inteligências. Dessa forma essa teoria não busca a classificação de pessoas de acordo com as inteligências que possui ou não, assim como também não busca determinar em qual das inteligências uma pessoa se enquadra. Ela busca ressaltar que existem níveis diferentes de desenvolvimento de cada inteligência na pessoa, conforme a presença ou não de estímulos no seu meio. Outro ponto importante é que as inteligências estão sempre interagindo umas com as outras quando as observamos de maneira contextualizada, ou seja, elas não atuam de maneira isolada.

Um outro ponto relevante colocado por Armstrong, é a diversidade de elementos dentro de cada inteligência, ou seja, existem diversas maneiras de ser inteligente dentro de cada categoria. Isso quer dizer que não existe um “pacote” de requisitos para uma determinada inteligência, mas sim diferentes formas de manifestá-la.

Como exemplo dessas duas situações, podemos pensar em uma pessoa que desenvolveu uma percepção musical muito apurada por interessar-se em distinguir os sons dos

mais diversos instrumentos em uma sinfonia, no entanto nunca teve a oportunidade de aprender tocar qualquer instrumento musical. Essa pessoa certamente teria mais facilidade em distinguir um instrumento em meio aos outros que compõem a melodia do que uma pessoa que domina a partitura e a técnica de execução de um piano de forma apenas técnica, devido talvez ao fato de ter tido que aprender tais fundamentos por obrigação e não por interesse. Essa comparação apresenta indícios de que a primeira pessoa desenvolveu elementos da inteligência musical que muito provavelmente a segunda não tem. Tocar um instrumento de forma puramente técnica não revela necessariamente a presença de uma inteligência musical desenvolvida em todos os seus sentidos, mas pode sugerir que existam elementos de outras inteligências presentes, como das inteligências lógico-matemática, corporal-cinestésica e espacial.

Discutiremos agora um pouco das inteligências pessoais, por relacionarem-se mais diretamente com o assunto principal da pesquisa.

4.1 - AS INTELIGÊNCIAS PESSOAIS

A Inteligência Interpessoal

A Inteligência Interpessoal, segundo Gardner, está relacionada com a capacidade de compreensão das intenções, motivações e desejos do próximo. Conseqüentemente ela possibilita um melhor relacionamento com o outro, tornando mais fáceis as ações coletivas. Essa inteligência é claramente observada em pessoas com grande habilidade em relações de liderança, por conseguirem apoio e confiança por parte do grupo. Também é marcante em pessoas ativas em movimentos sociais de solidariedade, por demonstrarem preocupação em auxiliar o próximo naquilo que ele necessita.

Para Campbell et al. (2000), os alunos com habilidades interpessoais apreciam a interação com as outras pessoas, têm habilidade para influenciar seus companheiros e são sensíveis aos seus sentimentos, interessando-se também pelas diferenças culturais existentes em seu meio. Estes autores também listam algumas características que consideram presentes,

provavelmente, em uma pessoa com uma inteligência interpessoal bem desenvolvida. Dentre essas características estão:

- 1- Formar e manter relacionamentos sociais;
- 2- Reconhecer e usar várias maneiras de se relacionar com outras pessoas;
- 3- Perceber os sentimentos, os pensamentos, as motivações, os comportamentos e os estilos de vida das outras pessoas;
- 4- Participar de esforços cooperativos e assumir vários papéis adequados, desde deixar-se conduzir até liderar atividades em grupo;
- 5- Influenciar opiniões ou ações das outras pessoas;
- 6- Compreender e comunicar-se efetivamente, de modos verbais ou não verbais;
- 7- Adaptar o comportamento a diferentes ambientes ou grupos e a partir de informações de outras pessoas;
- 8- Perceber perspectivas diferentes em qualquer questão social ou política;
- 9- Desenvolver habilidades de mediação, organizando outras pessoas para uma causa comum ou trabalhando com outras pessoas de diferentes idades ou origens;
- 10- Ter interesse por profissões voltadas para as relações interpessoais, como o ensino, o trabalho social, o gerenciamento ou a política;
- 11- Desenvolver novos processos ou modelos sociais.

Gardner observou que o desenvolvimento das inteligências pessoais determina se um indivíduo terá uma vida adulta bem sucedida e realizada. Como afirmam Campbell et al. (2000), a inteligência interpessoal é necessária para se viver e trabalhar com os outros, seja em nosso meio imediato ou em nossas comunidades.

A Inteligência Intrapessoal

A Inteligência Intrapessoal, segundo Gardner (1994), está relacionada com a capacidade de auto conhecimento, o qual permite a busca de um modelo individual de trabalho eficiente, além de conseguir usar informações como medo, desejo, motivação e determinação para regular a própria vida. Para o mesmo autor, essa inteligência está ligada ao conhecimento dos aspectos internos das pessoas, dentre elas as emoções. Ao concordar com essa teoria, Campbell et al. (2000), colocam que quanto mais pudermos trazer à consciência esses elementos internos, melhor será nossa relação com o mundo exterior.

Campbell et al. (2000) listam algumas características que provavelmente aparecem em uma pessoa com uma inteligência intrapessoal bem desenvolvida. Dentre essas características estão:

- 1- Ter consciência de sua gama de emoções⁵;
- 2- Encontrar modos de expressar seus sentimentos e pensamentos;
- 3- Desenvolver um modelo preciso de sua identidade;
- 4- Ser motivada a definir e lutar por seus objetivos;
- 5- Estabelecer-se e viver segundo um sistema de valores éticos;
- 6- Trabalhar independentemente;
- 7- Ser curiosa sobre as grandes questões da vida: significado, importância e propósito;
- 8- Administrar uma aprendizagem e um desenvolvimento pessoal contínuos;
- 9- Tentar buscar e compreender as experiências internas;
- 10- Lutar pela auto realização;
- 11- Estimular outras pessoas.

Devemos ressaltar que não necessariamente todas essas capacidades devem existir da mesma maneira em todas as pessoas consideradas inteligentes nessas categorias pessoais, pois existem formas diferentes de ser inteligente dentro de uma mesma inteligência, o que fica particularmente evidenciado nas inteligências pessoais.

⁵ Para Goleman (2001), a atenção permanente ao que estamos sentindo internamente, chama-se de autoconsciência, ou seja, um estado de consciência auto-reflexiva no presente momento vivido, incluindo as emoções.

Mais do que em outras esferas, encontra-se uma tremenda variedade de formas de inteligência interpessoal e intrapessoal. De fato, exatamente porque cada cultura possui seus próprios sistemas de símbolos, seus próprios meios para interpretar experiências, as 'matérias primas' das inteligências pessoais rapidamente tornam-se guiadas por sistemas de significado que podem ser totalmente distintos entre si. De modo correspondente, embora as formas da inteligência espacial ou corporal-cinestésica já estejam prontamente identificadas e comparadas entre diversas culturas, as variedades de inteligência pessoal provam ser muito mais distintivas, menos comparáveis, talvez até mesmo não passíveis de serem conhecidas por alguém de uma sociedade estranha. (Gardner, 1994 p. 186).

Essa idéia não contradiz com os estudos de Vygotsky (1998) sobre o desenvolvimento psicológico humano através das relações pessoais. Mesmo sem nunca ter mencionado a possibilidade da existência de várias inteligências, o seu principal foco de estudo centra-se no processo de desenvolvimento das funções mentais superiores, ou seja, a inteligência humana. Para ele, o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o homem e o mundo exterior (sócio-cultural) as quais se desenvolvem num processo histórico. Assim, são as relações **interpessoais** que possibilitam o desenvolvimento **intrapessoal** humano. Em termos psicológicos, as funções psíquicas aparecem, segundo ele, primeiro no nível social, na relação com as pessoas (interpessoal) e depois no nível individual, no interior do indivíduo (intrapessoal). Parte daí a concepção de que o homem vai se transformando de ser biológico em ser histórico-cultural (através da interação social) e de que os processos superiores são transformados de interpsicológicos em intrapsicológicos.

Dessa mesma maneira Gardner afirma que as inteligências pessoais estão inextricavelmente ligadas e ninguém pode se desenvolver sozinho. A presença do "outro" torna-se então fundamental neste processo.

Campbell et al. (2000) também compartilham dessa tese quando afirmam que nós, seres humanos, conseguimos uma apreciação mais profunda de nossas identidades pessoais através da interação com as outras pessoas.

Pautados nesses estudos, temos argumentos para crer que as inteligências pessoais constituem aspecto importante no desenvolvimento humano por estarem intimamente ligadas ao êxito das relações pessoais que se estabelecem entre as pessoas (relações interpessoais) e também das relações pessoais que se estabelecem em cada pessoa (relações intrapessoais).

5 MÉTODO

Para a realização desta pesquisa, utilizamos de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e participante. Optamos por uma pesquisa qualitativa porque julgamos não ser possível, em nosso caso, uma análise quantitativa de dados, uma previsão de resultados que pudessem ser generalizados ou metas a serem alcançadas. Neste caso, “a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.” (BOGDAN, BIKLEN, apud LÜDKE, ANDRÉ, 1986, P. 12).

Na pesquisa qualitativa, uma questão metodológica importante é a que se refere ao fato de que não se pode insistir em procedimentos sistemáticos que possam ser previstos, em passos ou sucessões como uma escada em direção à generalização. ... Pode-se já visualizar que uma teorização dedutiva está excluída das análises qualitativas. (FAZENDA, 1994, p. 58).

É também participante, porque o objetivo maior da pesquisa girou em torno de análises de aulas propostas por mim, dirigidas a uma turma específica de 4ª série, sendo também descritiva em virtude das análises das mesmas centrarem-se nos seus respectivos relatórios feitos ao final de cada aula, nos quais buscou-se descrever a realidade abordada.

5.1 - Caracterização do ambiente

As informações sobre o ambiente e os alunos foram coletadas informalmente, através de relatos de professores da escola e também por observação do pesquisador durante o contato com a turma referida e também com o ambiente local.

A escola localiza-se na periferia de Santa Bárbara d'Oeste, em um bairro composto basicamente de chácaras. O local, entretanto, possui características de periferia, onde muitas casas são construídas próximas e em pequeno espaço. Os alunos em sua maioria são de classe social pouco favorecida, advindos de bairros próximos à escola. Grande parte são filhos de caseiros das chácaras do bairro, pais com pouco ou nenhum grau de escolaridade. Costumam

passar boa parte do dia na rua por não terem muitas outras opções de ocupação, além do ambiente familiar nem sempre contribuir para ficarem em casa.

Pudemos constatar através dos relatos informais, que o contexto familiar da maioria dos alunos, salvo exceções, não contribui muito para dar o suporte necessário para que uma criança em idade escolar possa concentrar suas atenções nos estudos e na escola. Segundo relato de uma das professoras, grande parte dos seus alunos convive em ambiente familiar desequilibrado, sendo que em muitos casos, predominam problemas como alcoolismo, brigas constantes, violência familiar dentre outros. São raros os alunos dessa turma que residem com pai e mãe, ou que residindo com um deles, receba devida atenção. Um outro problema comum de ser encontrado em meio a essas famílias é o desemprego, fator muito presente que agrava ainda mais ambientes já conflituosos.

Com relação à escola, a maioria dos pais sequer comparece nas reuniões, fazendo-o somente com exaustivas convocações do diretor. Quando comparecem, uns não demonstram interesse algum pela situação escolar do filho, outros se isentam da responsabilidade, adotando o discurso de transferi-la toda para a escola, alegando não terem tempo para isso. Segundo a professora, são raríssimos aqueles pais que demonstram realmente interesse pela vida escolar de seus filhos. Esses e outros problemas resultam, dentre outros fatores, de famílias sem estrutura que convivem num ambiente hostil, fruto das condições sócio-culturais pouco favorecedoras encontradas em nosso país⁶. Não há então um ambiente favorável para que esses alunos possam dedicar suas atenções aos estudos, não há incentivo para isso.

A escola é municipal, funciona no período matutino com os ensinos infantil e fundamental de 1ª a 4ª séries, e no período vespertino com o ensino fundamental de 5ª a 8ª séries. Com relação ao espaço físico, existe um prédio principal de três pisos, sendo que no térreo fica a cozinha e um pátio. Além disso, existe uma quadra não coberta e o restante do local é utilizado para estacionamento dos carros dos professores e funcionários. Apesar de se localizar em um bairro de chácaras, quase não existem árvores na escola.

⁶ Sobre as condições do brasileiro em relação à sua situação, Saviani (1989) enfatiza o problema da liberdade: "Sabemos que são precárias as condições de liberdade do homem brasileiro, marcado por uma tradição de inexperiência democrática, marginalização econômica, política, cultural. Daí, a necessidade de uma *educação para a libertação*: é preciso saber escolher e ampliar as possibilidades de opção." (p.43).

A pesquisa refere-se aos alunos de uma das 4ª séries. O grupo é constituído por 27 alunos e a faixa etária varia em torno dos dez e onze anos, não havendo variações acentuadas nesse sentido.

5.2 - COLETA DE DADOS

Programação

Foram ministradas aulas semanais durante o primeiro semestre de 2005 na escola referida, e a coleta de dados refere-se às oito primeiras aulas do semestre. Nessas aulas procurei enfatizar, através de atividades de áreas de conhecimentos da Educação Física, elementos relacionados a questões interpessoais e intrapessoais e seus estímulos.

Aplicação

As aulas foram ministradas às sextas feiras, no período reservado para a Educação Física. Devido ao fato de não haver um professor de Educação Física responsável pelas aulas destinadas à disciplina em questão, as professoras das 4ª séries permitiram que eu desenvolvesse o trabalho com as turmas, momento em que eu atuei como estagiário na referida escola.

Relatórios

Após a aplicação de cada aula procurei descrevê-las, relatando as atividades desenvolvidas e a participação dos alunos nas mesmas. Durante a descrição não incluí cada detalhe ocorrido, pois o foco centrou-se no conjunto da aula.

5.3 - ANÁLISE DOS DADOS

Análise de cada aula

Com base nos relatórios de cada aula, foram feitas análises identificando elementos pertinentes ao assunto em questão e suas relações com os estímulos da aula que puderam de alguma forma cooperar para a promoção dos mesmos, ou seja, das relações interpessoais e intrapessoais.

Análise geral

Após as análises das aulas, foi feita uma análise geral pautada nos principais pontos destacados nas mesmas.

AULA 1 - Apresentação e jogos de pegador

Cheguei à escola por volta das 10h45min, conversei com o diretor e comecei o reconhecimento do espaço físico disponível. Subi à sala de aula às 10h50min, onde a professora me convidou a entrar. Os alunos estavam agitados e ansiosos para conhecer o professor de educação física.

Apresentei-me a eles e pedi para que se identificassem. Perguntei o que esperavam das aulas de educação física e o que conheciam a respeito além do futebol. Várias respostas surgiram como: abdominal, exercício, corrida, brincadeiras.

Percebi que seria um bom momento para continuar a discussão na sala de aula mesmo, e a cada resposta deles eu escrevia na lousa de maneira a compor um quadro onde constavam os conteúdos clássicos da educação física escolar e a qual grupo pertenceria cada resposta obtida pela turma.

A partir do quadro surgiu a discussão de quais seriam as diferenças entre jogo e esporte. Tentei trazer a discussão em torno das regras encontradas no esporte e no jogo, além de conversar com a turma sobre as questões que envolvem e caracterizam cada um deles. Perguntei sobre mais exemplo de jogos, pois seriam estes grande parte dos conteúdos que iríamos trabalhar. Apareceram vários exemplos. Discutimos sobre suas regras e como poderíamos fazer para tornar os jogos em questão mais interessantes. A partir de um simples pega-pega conseguimos pensar em várias possibilidades e modos diferentes de brincar.

Sugeri então que descêssemos para experimentar o que havíamos conversado. Era 11h20min quando descemos, os alunos estavam empolgados. Começamos com um pega-ajuda e logo paramos para conversar. Discutimos quais foram as dificuldades e percebemos que uma delas era a identificação dos pegadores. Mudamos as regras de modo que quem fosse pego iria ajudar de mãos dadas, formando assim uma corrente. Dessa maneira pareceu ficar mais interessante e quase todos participaram. Conversamos sobre as mudanças e suas novas dificuldades, as quais foram o tamanho da corrente e a organização do grupo, o qual teve que estabelecer suas estratégias de modo coletivo para que se alcançasse o objetivo. Ao passo que a corrente ia aumentando, novas estratégias de organização eram necessárias, visto que se tornava cada vez mais difícil para o grupo se deslocar eficientemente. Percebia-se então que alguns alunos tentavam ajudar na formação e na orientação dessas estratégias, enquanto que outros

alunos tentavam dirigir o grupo aos berros, sem contar aqueles que apenas corriam sem muita preocupação.

A atividade seguinte que propus foi uma outra versão do pega-pega, o 'nunca três'. Essa brincadeira, diferentemente da anterior, exigia estratégias individuais, pois cada um tinha o seu momento individual de fuga. O grupo agitava a brincadeira incentivando aquele que estava fugindo a ocupar o lugar de quem ainda não havia corrido. Percebi que todos queriam falar, até aqueles que estavam tímidos no início da aula.

No final, faltando 10 minutos para o fim da aula, sugeri uma atividade rápida. Em dupla, cada um em frente ao seu companheiro, deveria fugir ou pegá-lo, dependendo do estímulo (no caso, números pares ou ímpares). Os alunos, no clima da aula, reagiram bem e a atividade foi ótima. Antes de o sinal bater, ainda conversamos sobre a aula e percebi que não tive tanta dificuldade, apesar de os alunos serem muito agitados e ansiosos.

ANÁLISE DA AULA

A primeira parte da aula foi dedicada mais especificamente ao conhecimento da turma e também uma conversa sobre o que iríamos fazer durante as aulas de educação física. Em um trabalho com uma turma durante um período de tempo relativamente longo, o relacionamento do professor com os alunos torna-se algo de fundamental importância. É difícil avaliar o nível de afetividade envolvido nesse processo, porém, é certo que quando há envolvimento de ambos os lados, o trabalho torna-se melhor em todos os sentidos.

Logo em seguida, a primeira atividade realizada em quadra (pega-ajuda) serviu como aquecimento e ajudou a estimular reflexões frente aos problemas percebidos (dificuldade de reconhecer o pegador). A partir dessa problemática a atividade seguinte (pega-corrente de mãos dadas) transcorreu naturalmente, e um possível *problema* de contato corporal na hora de dar as mãos deu lugar a uma nova *solução*, necessária para que os pegadores pudessem ser identificados, ou seja, a *ação cooperativa* envolvendo o contato físico está presente em atividades como essa, ficando a cargo do professor saber utilizá-las nas aulas. Como essa brincadeira exigia organização por parte do grupo, pode-se dizer que ela permitiu um ambiente propício para o estímulo de vários elementos dentro das relações interpessoais como *comunicação*, *cooperação*,

liderança (liderar e ser liderado), mediação, dentre outros descritos por Campbell et al. (2000). Também se pôde perceber que alguns alunos apresentavam maior facilidade, em comparação com outros, de adaptação nos papéis assumidos nesse jogo. A atividade seguinte permitiu que cada um traçasse a sua própria estratégia. Um fator que chamou a atenção, foi a preocupação da turma para que todos participassem, havendo reclamação quando o fugitivo demorasse a sentar. O que se pode questionar, no entanto, é até que ponto a preocupação dos alunos centrava-se na participação de todos, ou seja, não seria uma reclamação, por parte desses alunos, no sentido de não querer demorar a participar da atividade novamente?

Essa aula privilegiou os aspectos lúdicos das brincadeiras, estimulando os alunos à *integração*, surgindo um ambiente favorável a diversas formas de relacionamento entre eles. As brincadeiras propiciaram um ambiente de estímulo para *experiências corporais internas*, nas quais foi possível notar a *expressão das emoções* dos alunos nos diferentes momentos da aula, nas suas relações interpessoais e intrapessoais. Segundo Hirama (2002), as emoções encontram-se intrinsecamente relacionadas com as inteligências pessoais, ou seja, com o conhecimento do próprio indivíduo e também do outro, e, através do corpo é que todas as emoções e intenções são expressas.

AULA 2 - Jogos

Cheguei na sala de aula e fiquei aguardando até que alguns alunos terminassem a tarefa proposta pela professora. Perguntaram-me se naquele dia iríamos jogar futebol. De acordo com meu planejamento de trabalho, teríamos ainda algumas aulas focadas em jogos e atividades objetivando a relação interpessoal entre eles.

Percebendo que a turma estava animada neste dia, iniciei uma breve discussão a respeito das atividades que estive propondo até o momento, e então descemos para a quadra. Iniciamos a prática com uma atividade envolvendo alongamento de diversas partes do corpo, seguido de um trabalho de relaxamento e respiração. Essa atividade simples e de curta duração consistia em respirar calma e profundamente, de olhos fechados, onde os alunos deitados sobre a quadra deveriam prestar atenção nas várias partes do corpo, conforme orientação minha.

Logo em seguida sugeri uma atividade com arcos. Em duplas, os alunos deveriam dividir o espaço dentro de um arco que ficava sobre o chão. Uma das duplas deveria estar sem um arco para ficar, e ao invés disso com uma bola. Assim que um rolasse a bola e o outro chutasse (esse foi o estímulo que sugeri), todas as outras duplas deveriam trocar de arco e ao mesmo tempo a dupla que estivesse de fora deveria procurar um arco vazio para entrar. A dupla que ficasse de fora se encarregaria de chutar a bola da próxima vez, e assim determinar a próxima troca de arcos. Os alunos aprovaram a brincadeira, e então sugeri que continuassem, mas dessa vez teriam que correr de mãos dadas. Propus então uma nova condição: que ao trocar de arco, as duplas não poderiam mais ser as mesmas. Percebi certa rejeição no começo, mas durante o decorrer da brincadeira não se percebia mais receio por parte dos meninos em dividir o arco com as meninas e vice-versa. Notei que a resistência de algumas meninas ao dividir o arco com os meninos persistiu por mais tempo, mas no final parecia não haver mais receio.

Percebendo que a atividade tinha alcançado seus objetivos, propus uma nova brincadeira de pega-pega, cuja condição para não serem pegos, era que os alunos teriam que se juntar em grupos, em número de componentes determinado por mim. Com essa atividade pretendi dar continuidade de uma maneira ainda mais acentuada à questão da cooperação, proximidade e contato entre os alunos. Como era de se esperar, alguns alunos preferiam correr o tempo todo a juntar-se a um grupo, mas assim mesmo achei que houve boa participação da turma nessa atividade e creio que os objetivos foram alcançados.

Por fim, a última atividade proposta consistia em uma competição entre duas equipes enfileiradas, em que um aluno de cada vez partiria correndo até um tabuleiro do conhecido jogo da velha, formado por arcos dispostos sobre o chão, e colocaria uma peça em um dos locais disponíveis, voltando imediatamente na sua fila, para que o próximo do grupo pudesse dar continuidade ao jogo. O objetivo proposto para as equipes era formar a seqüência e assim conseguir o ponto. Essa atividade foi muito boa porque proporcionou um momento de competição entre as equipes e ao mesmo tempo um sentido de cooperação dentro do próprio grupo. Como era de se esperar, alguns alunos não voltavam para o fim da fila depois de correr, pois queriam ir mais vezes. Essa foi uma oportunidade que percebi para parar o jogo e novamente voltar a discutir a questão do respeito às regras e ao próprio companheiro. Conversamos novamente sobre o assunto e prossegui a aula desafiando-os a continuarem a competição até perceber que todos tivessem participado.

No final encerrei a aula elogiando a participação da turma. Percebi que todos estavam contentes e aproveitei o momento para conversar e trazê-los à consciência sobre os motivos que contribuíram para que a aula tivesse sido interessante, fazendo-os perceber que tínhamos aproveitado bem o tempo.

ANÁLISE DA AULA

Pôde-se observar que logo a primeira atividade com arcos possuía variações em seu decorrer, o que permitiu que os alunos não ficassem o tempo todo atrelados com o parceiro escolhido previamente. Durante as trocas das pessoas das duplas, pôde-se observar também que qualquer *empecilho a uma interação corporal* mais próxima era logo *superada* pela necessidade que a brincadeira exigia. Como ninguém queria perder, procurava-se logo o primeiro colega sozinho para levar para dentro do arco. Da mesma maneira também se pôde notar que não houve problemas em dar as mãos tanto por parte dos meninos como das meninas, o que possivelmente não ocorreria sem a exigência da brincadeira, ou seja, sem o estímulo de cumprir a tarefa. A maior rejeição por parte de algumas meninas quando se pedia para trocar de parceiro pôde ser rapidamente “esquecida” quando elas mesmas percebiam a necessidade que havia no momento da brincadeira. Este pode ser considerado um exemplo de atividade na qual competição, fator estimulante, teve como característica a promoção da *cooperação*. Neste caso, a necessidade da

situação requeria uma adaptação comportamental instantânea e talvez até de maneira espontânea, devido ao caráter lúdico da atividade. Como o fator competição foi percebido como motivador para os alunos, a situação foi propícia para que se incluíssem elementos de cooperação e integração.

A brincadeira seguinte exigia que os alunos se juntassem em grupos para não serem pegos. Pôde-se observar boa participação, mais uma vez motivada pelas *necessidades da situação*. Pôde-se também observar que havia alunos, como era de se esperar, com maior preocupação em correr a procurar grupos a fim de se safar, outros, porém, preferiam ficar o tempo todo pertos uns dos outros, montando assim suas estratégias. Nesse caso, a característica pessoal de cada um era manifestada na atividade no sentido de buscar desafios constantes, no caso de alguns, ou da busca pela segurança, evitando tais desafios, como demonstraram outros alunos. A *comunicação e o raciocínio* exigidos pela brincadeira criavam ambientes de *estímulos para a cooperação* e principalmente para a *aceitação* da proximidade física entre os alunos ao passo que não importava quem estivesse no grupo, mas sim quantas pessoas estavam lá. Novamente as necessidades da atividade exigiram adaptação comportamental dos alunos em função de ações cooperativas, também facilitadas pelo ambiente lúdico lá estabelecido.

A atividade do jogo da velha, além de possibilitar um momento individual de participação para cada aluno, trazia uma situação dessa *responsabilidade* individual para o sucesso do restante do grupo. Criou-se um ambiente de incentivo, mesmo quando o aluno da vez não marcava o melhor quadrado do jogo. Esse ambiente, creio, favoreceu elementos importantes em uma relação interpessoal dentro de um grupo com um objetivo em comum.

AULA 3 - Jogos

Nesta aula foram realizadas duas atividades com jogos que enfatizavam prioritariamente as questões de contato pessoal, compartilhamento de espaço, espírito de equipe. Assim, a primeira atividade realizada foi uma competição entre duas equipes que, numerados e dispostos em frente à quadra, atrás da linha lateral, os alunos deveriam sair, conforme o número solicitado para cumprir a tarefa. A tarefa consistia em correr, pegar uma das duas bolas no centro da quadra e entrar em um arco colocado dentro da área do gol de cada lado da quadra. A equipe que a fizesse primeiro marcava ponto. Comecei chamando dois ou três números por vez e fui aumentando em seguida, até que uma vez todos os números foram chamados de uma só vez. Os alunos corresponderam e se arranjaram de modo a compartilharem um espaço dentro do arco, ou pelo menos uma parte do corpo dentro dele. No jogo seguinte, assim como no primeiro, os alunos deveriam manter a mesma formação, numeração e disposição na quadra. Também da mesma maneira eles eram chamados por número, em grupos que variavam em quantidade. O objetivo do jogo era correr até uma bola colocada no centro da quadra, sendo que a equipe que chegasse primeiro deveria pegar a bola e conduzi-la até a área do gol, e aí então tentar acertar um alvo que no caso era uma garrafa plástica. Para isso o grupo não poderia andar com a bola, mas sim conduzi-la somente através de passes, tendo que passar por todos os companheiros chamados no momento para a disputa. O grupo que não pegasse a bola deveria tentar interceptar o avanço da equipe adversária, tentando rouba-la durante os passes e, se isso ocorresse, deveriam então atacar o respectivo alvo da mesma maneira. Foram feitas então várias disputas para que todos pudessem participar, variando-se o modo de conduzir a bola. Nessa atividade foram observados alguns problemas, como por exemplo o desinteresse de alguns alunos pelo jogo quando seus números não eram chamados. Estes não demonstravam paciência para esperar a vez nem motivação para incentivar o companheiro de equipe, parecendo estar interessados somente em jogar individualmente, sem compromisso com o desempenho da equipe no jogo. Nesse momento houve muita dispersão e alguma dificuldade na continuidade da atividade. Outro problema a ser relatado foi o fato de alguns alunos terem tido dificuldade de compreensão do jogo, não que a dificuldade em si tenha sido um problema, mas a impaciência daqueles que já haviam entendido, em esperar a explicação ou até mesmo tolerar a dificuldade do companheiro. Alguns alunos desistiram do jogo e simplesmente saíram, o que ocasionou novas dificuldades, pois os grupos

tiveram que ser reorganizados e isso levou algum tempo. Tive que chamá-los então para uma conversa sobre atenção na aula e respeito com o companheiro, o que parecia não interessar muito para alguns no momento. Percebi que a primeira atividade proposta transcorreu sem problemas e atingiu seus objetivos, a segunda atividade, porém, devido às dificuldades, exigiu intervenção e ficou devendo quanto a seus objetivos, mas serviu para uma conversa posterior sobre individualismo, equipe e cooperação visando objetivos comuns.

ANÁLISE DA AULA

As diretrizes desta aula objetivavam que os alunos pudessem compartilhar espaços, manter proximidade física e contato corporal, além de estimular a adequação de um grupo a uma determinada tarefa. A primeira atividade exigia que os alunos, chamados por números, se acomodassem dentro de um arco juntamente com seus companheiros também chamados. Devido a essa exigência, um ambiente de *cooperação e respeito* também foi exigido, condição necessária para se ganhar o “ponto”. Esses elementos, acrescentados da *atenção* exigida por todos antes da partida, do *incentivo* dos outros do grupo, além da importância da *contribuição individual* no processo, tornavam o ambiente estimulante para ações coletivas como estas.

As tarefas que simulavam pequenos jogos, entretanto, deixaram a desejar no que se refere à adaptação de comportamento frente a uma situação. No momento que se exigia atenção para ouvir os números chamados, observou-se inquietação por parte daqueles alunos que não eram chamados no momento. Mesmo a atividade mostrando-se dinâmica, pôde-se observar, por parte de alguns, impaciência no momento de esperar a vez. Esse fato revelou a necessidade de *novas adaptações* às atividades que exigem alternâncias de participação, necessárias quando se tem pouco espaço e muitos alunos numa mesma aula.

Essas atividades exemplificam situações nas quais se pode ter uma idéia da dificuldade dos alunos no que se refere a respeitar a vez do outro, de se colocar no lugar do outro. Talvez a história pessoal desses alunos esteja relacionada a essas dificuldades, o que ressalta a importância de se trabalhar na escola questões como essas.

AULA 4 – Consciência Corporal

A aula teve início em sala com uma conversa sobre os sentidos do corpo. Procurei levantar questões a respeito do tema proposto ao invés de trazer conceitos prontos. Perguntei quais eram os sentidos e eles me responderam prontamente. A partir de então conversamos sobre a importância de cada um deles, quais eram mais requisitados por nós na realização de diversas tarefas do dia a dia, e finalmente quais seriam as dificuldades se nos faltassem alguns deles.

A turma chegou à conclusão de que a visão seria o sentido mais desenvolvido e usado pelo ser humano. A partir disso propus uma discussão sobre as dificuldades e adaptações que uma pessoa cega necessita fazer para viver normalmente. Propus questões como, por exemplo: Como um cego faz para andar, saber se alguém ou alguma coisa se aproxima dele, ou onde ele está? Chegamos à conclusão de que outros sentidos deveriam se tornar mais apurados para que a pessoa cega pudesse suprir as necessidades cotidianas. Propus então que descêssemos para a quadra e experimentássemos situações semelhantes às discutidas até o momento.

Na primeira atividade os alunos deveriam se agrupar e andar formando um trem, deslocando-se pela quadra de olhos fechados, em que somente o primeiro, estando de olhos abertos, iria conduzir o restante do grupo. Durante essa brincadeira percebi que em alguns momentos, alguns alunos davam uma “espiadinha”, o que era de se esperar, pois ainda estavam inseguros quanto à nova situação. Como também era de se esperar, não demorou muito para começarem trombadas propositais, correria e empurra-empurra. Apesar da bagunça, o objetivo da atividade foi alcançado e todos participaram.

A próxima atividade proposta consistia em criar uma situação em que grupos de dois ou três, um estando de olhos vendados, deveriam percorrer um caminho e chegar a um local pré-determinado por mim. Para isso o aluno vendado deveria ser guiado pelos outros, que deveriam passar todas as informações possíveis quanto ao trajeto e os obstáculos do caminho. A atividade teve boa aceitação, sendo realizada várias vezes até que todos pudessem fazer o percurso de olhos vendados. Apesar dessa atividade não ter finalidade competitiva, alguns alunos faziam questão de disputar qual grupo chegava primeiro e isso não mudou muito com minhas intervenções enfatizando que essa não era uma atividade competitiva. Outros alunos, e não foram poucos, desviaram-se completamente da finalidade da proposta. Eles guiavam seus companheiros

vendados levando-os para valetas, degraus e outros obstáculos sem avisar, com a intenção de derrubá-los mesmo. Tive várias vezes que chamar a atenção para o propósito das atividades, mas percebi que alguns não estavam interessados. Contudo a proposta foi boa e os alunos que participaram mostraram-se interessados pela nova forma de percepção experimentada. No final da aula pudemos conversar um pouco a respeito do que tínhamos experimentado, as diferenças dessa nova forma de deslocamento, os sentidos mais utilizados sem a visão, etc. A conversa foi participativa e muitos queriam falar ao mesmo tempo, enquanto que outros não demonstraram muito interesse, estando o tempo todo dispersos.

ANÁLISE DA AULA

As atividades propostas, tendo como principal objetivo a percepção corporal através de situações não comumente vividas, visava possibilitar aos alunos um momento de íntima atenção em relação ao próprio corpo. A supressão da visão exigiu maior atenção com a audição, tato e esquema proprioceptivo, o que permitiu a existência de um ambiente de estímulo para a compreensão de *experiências corporais internas*, de estímulo para a *curiosidade*, de estímulo para a *expressão de sentimentos e pensamentos* em meio a essa nova situação. Além disso, também exigiu *empenho pessoal* na busca de um *objetivo* perante uma dificuldade apresentada, e para isso havia necessidade de *novas e contínuas aprendizagens*. Também se pode dizer que as situações experimentadas exigiam normas de conduta por parte dos guias, criando ambientes de aprendizagens através de *valores éticos e de responsabilidade*, alertando para a necessidade de cooperação entre as pessoas.

A motivação dos alunos em torno das atividades ficou por conta dos desafios propostos pelas mesmas e também do estímulo à curiosidade pela vivência das formas não comuns de percepção corporal. Porém, esse tipo de motivação pode não ter sido suficiente para atender as expectativas de todos os alunos dessa turma, que buscaram outras motivações através de atitudes não corretas com os colegas. Nessas situações se confirmam certas dificuldades de concentração em atividades em grupo por parte de alguns alunos, além de uma falta de noção de saber se colocar no lugar do outro, conforme alguns relatos das professoras. Situações como esta poderiam facilmente gerar novos conflitos e problemas de relacionamento entre os alunos, revelando a necessidade da contínua mediação do professor frente a essa questão nas aulas.

Apesar dos problemas encontrados no final da aula e durante certas atividades, como dispersão e falta de interesse de alguns alunos, creio que a aula alcançou seus objetivos por ter possibilitado situações de aprendizagem e estímulo para diversos elementos que constituem parte das relações pessoais, principalmente as relações intrapessoais.

AULA 5 – Consciência corporal.

Essa aula teve por objetivo a continuação do assunto proposto na aula anterior, acrescentando-se algumas atividades. Depois da conversa em sala, descemos para a quadra e propus que os alunos se dividissem em duplas ou trios para começarmos a primeira atividade. Primeiramente, pedi para que um dos colegas de cada grupo tivesse os olhos vendados. Nesse tempo, espalhei vários objetos pela quadra com a ajuda de outros alunos. Cada grupo deveria então guiar seu companheiro vendado apenas pelo comando da voz, sem contato corporal, a fim de levá-lo ao objeto. Este deveria então identificá-lo através do tato. Feito isso, o grupo deveria então conduzi-lo dessa mesma maneira até um outro objeto, passando assim por vários objetos diferentes. Essa atividade procurou privilegiar a atenção auditiva, a confiança no companheiro guia e também a percepção tátil. Ao organizar os grupos e passar as instruções tive certa dificuldade de cooperação por parte da turma, visto que alguns alunos estando muito dispersos e agitados, contribuíam para que o ambiente ficasse muito tumultuado. Tive que ter muita paciência para não perder a calma, a turma realmente estava difícil neste dia. Finalmente, com a atividade iniciada, pude perceber que alguns alunos realmente estavam interessados e mostravam-se motivados a participar, o que não aconteceu com toda a turma. Alguns grupos de alunos não entraram no clima da aula, fazendo com que eu a terminasse antes do tempo a fim de conversar novamente com a turma a respeito dos objetivos da aula de educação física, tendo que enfatizar novamente que não se tratava de uma aula livre ou simples recreação, mas que tínhamos um programa a ser seguido. Percebi que seria necessário ajustar o planejamento das aulas de modo a torná-las mais dinâmicas, a fim de conseguir a cooperação de todos. Percebi também que sem o estímulo da competição seria mais difícil envolvê-los em uma atividade durante certo tempo, mas teria que trabalhar para isso.

ANÁLISE DA AULA

O objetivo desta aula consistia na continuação do assunto iniciado na aula anterior, ou seja, a vivência de situações estimuladoras para os sentidos do corpo. A atividade de identificação de objetos através do tato buscou relembrar situações vivenciadas anteriormente, porém de diferentes formas, o que permitiria aos alunos verificarem a ampla necessidade e

possibilidade de ações frente a uma supressão sensitiva, no caso a visão. Porém as dificuldades encontradas durante a aula exigem algumas reflexões, principalmente em relação à motivação, assunto pertinente e passível de ser aprofundado quando se trabalha com crianças.

Seria necessário, devido às características da turma, dinamizar as atividades a fim de conseguir o interesse de todos? Seria difícil manter um esquema de aulas não dinâmicas ou não competitivas por muito tempo? Questões como estas requerem talvez um tempo de experiência maior para serem respondidas, mas podem indicar que o planejamento de um trabalho não deve seguir de maneira inflexível, mas necessita de contínua revisão e adaptação às necessidades e às características de cada turma, objetivando a inclusão de todos os alunos na aula, sem abrir mão dos conteúdos a serem trabalhados.

AULA 6 - Consciência corporal

Esta aula fecharia o assunto a respeito da utilização dos sentidos para a comunicação. Desta vez o objetivo da aula iria centrar-se na supressão da linguagem verbal e a utilização de todas as outras possíveis linguagens corporais que poderiam ser usadas na comunicação. Para isso foram planejadas várias atividades.

A primeira atividade consistia no seguinte: foram distribuídos papéis aos alunos contendo o nome de um animal, em que cada um não deveria contar a ninguém sobre o seu. Havia nomes de cinco animais diferentes entre os papéis distribuídos. O objetivo era cada um encontrar seu grupo, imitando os movimentos dos animais. Começada a atividade, percebi que alguns dos alunos não se sentiam à vontade para começar. Busquei então incentivá-los, mostrando que a maioria estava participando. Mesmo assim houve muita dificuldade, pois os grupos não se formavam conforme solicitado. Houve muita dispersão e pouco interesse por essa atividade. Paramos para uma conversa sobre a importância da participação de todos e seguimos para a próxima atividade programada.

Para a atividade seguinte, foram utilizadas várias etiquetas autocolantes nas quais continha em cada uma delas o nome de um animal. Essas etiquetas seriam coladas na testa de cada aluno, o qual não poderia saber o que estava escrito na sua própria testa, mas apenas ler as dos outros alunos. A partir de então eles deveriam, através de gestos e sem emitir sons, dizer ao companheiro qual era o seu animal. Essa atividade teria como objetivo a comunicação, através dos movimentos característicos dos animais, o que caracteriza a mímica. A partir do momento em que todos soubessem o nome do seu respectivo animal, faríamos um jogo de alerta, utilizando para isso os mesmos nomes. As primeiras dificuldades apareceram logo no início da distribuição das etiquetas. Desde o início da aula eu pedia insistentemente para que, em hipótese alguma, ninguém revelasse ao companheiro o nome contido na sua testa, porém, ao final da distribuição das mesmas praticamente todos já estavam sabendo. Como eu havia levado várias etiquetas escritas, recomecei a colagem, novamente enfatizando o pedido de segredo. Novamente a mesma coisa, todos já estavam sabendo. Quando eles não contavam diretamente para o companheiro, emitiam sons e gestos logo de cara, informando-o desta maneira. Vendo que seria muito difícil manter a continuidade desta atividade da maneira como foi planejada, permiti que a mesma transcorresse mesmo assim, até que todos imitassem os animais espontaneamente. Propus então a

brincadeira de alerta com os respectivos nomes. Essa atividade teve boa aceitação e participação de todos, seguindo até o final da aula.

ANÁLISE DA AULA

A análise desta aula indica que os objetivos não foram alcançados, ficando muito aquém do esperado. Os alunos tiveram sérias dificuldades em controlar-se para atingir o objetivo na atividade das etiquetas, demonstrando imaturidade para organizarem-se em torno de regras relativamente simples, o que acabou comprometendo a realização da mesma. Esta situação demonstra certa dificuldade desses alunos para lidar com questões que requerem paciência e alguns procedimentos para se chegar ao objetivo pretendido, caso este último não seja tão imediato.

Neste caso, a análise revelou a necessidade de se trabalhar questões de maior complexidade e também de se enfatizar o respeito às regras nas aulas. Indica também que talvez seja necessário um trabalho a longo prazo, utilizando outros métodos para se conseguir o envolvimento e o interesse dos alunos, a fim de se alcançar os objetivos pretendidos.

AULA 7 – Jogos Coletivos

A aula foi iniciada com uma conversa sobre o que vem a ser um esporte coletivo, quais os vários que conhecemos, suas particularidades, diferenças e semelhanças uns com os outros. Conversamos sobre as semelhanças entre vários esportes coletivos como: ataque, defesa, cooperação entre jogadores da mesma equipe, um alvo a ser atacado e outro a ser defendido, posicionamento em quadra ou campo, dentre outras. Propus então que descêssemos para a quadra a fim de experimentarmos alguns jogos que eu havia preparado. Nesse tempo havia muitos alunos pedindo para que tivéssemos jogo de futebol, então esclareci que o futebol também faz parte desse grupo de jogos que estávamos estudando e ele também estava no planejamento.

Procurei dividir os jogos coletivos em dois grupos, aqueles que todos os jogadores compartilham o mesmo espaço de jogo e aqueles em que cada um defende o seu lado, sem invadir o espaço do outro. Começamos então com um jogo que consistia no seguinte objetivo: acertar o alvo adversário (o gol) com uma bola de tênis e defender o seu alvo sem invadir o lado da quadra do outro time. Para isso construímos juntos algumas regras que permitiriam a participação de todos como, por exemplo, todos deveriam jogar uma vez antes que alguém repetisse o lançamento. Decidimos também que o “gol” das meninas valeria o dobro. Também coloquei dois arcos pendurados dentro de cada gol de modo que se eles fossem acertados os pontos valeriam o dobro. Todos participaram, exceto um aluno que estava com o braço quebrado, mas esse me ajudou com a arbitragem e contagem dos pontos. Dessa maneira, os alunos puderam participar atacando, defendendo, posicionando suas equipes, ou seja, tendo uma pequena experimentação de tática de jogo. Houve apenas um pequeno acidente, mas nada de grave. Um aluno levou uma bolada no rosto e seu olho ficou vermelho na hora. Nesse momento todos perceberam o problema e pararam imediatamente o jogo para consolar o colega. O grupo mostrou grande preocupação com ele e todos tentavam acalmá-lo, percebendo o seu sentimento naquele momento. Apesar do susto ele logo se recuperou e voltou ao jogo. Outras dificuldades foram algumas desistências durante o jogo, fazendo com que fossem necessárias algumas reorganizações das equipes. Creio que os objetivos dessa aula foram alcançados e o assunto poderá ser mais aprofundado nas próximas aulas.

ANÁLISE DA AULA

A análise desta aula se pauta principalmente na questão da organização das regras em função de garantir a participação de todos, independentemente do nível de habilidade de cada aluno. A discussão juntamente com a turma sobre como proceder para garantir que todos pudessem participar, teve como pretensão a construção das regras de maneira coletiva, nas quais todos poderiam opinar. O que se observou, no entanto, foi o fato de haver pouca intervenção dos alunos, eles apenas concordavam ou não com as regras sugeridas pelo professor. Como foi uma aula introdutória ao assunto, havia grande ansiedade de todos em jogar, mas souberam respeitar as regras, havendo poucas necessidades de intervenção do professor nesse sentido. A empolgação inicial da turma aos poucos deu lugar à *organização* em torno do jogo, o que pode ser analisado de forma positiva, visto que a maioria dos alunos conseguiu *adaptar-se* a essa *situação específica, cooperando* com o grupo e *incentivando* seus colegas de equipe, sem obviamente, abrir mão da competição estabelecida pelo jogo. Outro aspecto importante na análise, foi a reação da turma em relação ao colega que se machucou. O que se observou foi um *sentimento* coletivo de *interesse* pelo estado do colega após o acidente, juntamente com o interesse de perceber seus *sentimentos* imediatos. Esse ambiente criado pela turma contribuiu visivelmente para que ele se sentisse bem, recuperando-se do susto rapidamente. Através do ocorrido, pudemos perceber que o conceito de empatia está presente na maioria dos alunos, manifestando-se claramente através de uma situação em que o colega precisava sentir-se bem.

Esta aula confirmou o maior interesse desses alunos por atividades que envolvem competição. Contudo, o que se observou foi a possibilidade de se trabalhar esse aspecto dos jogos de maneira positiva, garantindo ampla participação, ressaltando elementos das relações pessoais presentes nos mesmos.

AULA 8 – Jogos Coletivos

Nesta aula prosseguimos o assunto sobre os jogos coletivos com bola. Após a habitual conversa em sala, descemos para a quadra a fim de experimentarmos mais um jogo. O jogo proposto foi uma variação do voleibol, jogado com três equipes no qual duas delas ocupavam seus respectivos lados da quadra enquanto que a terceira fazia o papel da rede.

O objetivo do jogo consistia em não deixar a bola cair no respectivo lado da quadra, fazendo-a passar para o outro lado sem tocar na “rede”. Para isso, começamos com uma bola de borracha, de tamanho médio. Os alunos deveriam trocar passes apenas jogando a bola para seus companheiros de equipe até que o número de passes definidos fosse atingido, passando então a bola para o outro lado da quadra. Da mesma maneira a outra equipe deveria proceder. Os alunos que formavam a rede, estando sobre a linha que divide a quadra, deveriam tentar pegar a bola ou apenas tocá-la. Se isso acontecesse, ela trocava de lugar com a equipe que errou a jogada. Da mesma maneira a equipe que deixasse a bola cair em sua quadra ou jogasse a bola para fora, deveria trocar de lugar com a turma da rede.

Durante o jogo algumas variações foram feitas. Uma delas foi trocar a bola por uma outra bem maior, uma dessas que se encontra em parques de diversão. Essa mudança permitiu que o contato com a bola passasse do pegar e jogar para o rebater, visto que o tamanho e o peso da mesma permitia uma velocidade bem menor ao jogo, compatível com a habilidade dos alunos nesse primeiro momento. Dessa forma o jogo iria transcorrer até o final, trocando-se a cada “ponto” as equipes de posição, porém sem a contagem dos mesmos.

Com o objetivo de ensinar aos alunos noções de defesa do alvo (neste caso a própria quadra) e ataque ao alvo adversário, busquei intervir o tempo todo procurando estimular a organização do time em função do jogo. Com isso eles perceberam que uma forma de melhorar a eficiência era fechar melhor os espaços vazios da quadra, tendo então que se organizar para isso. Outra questão que tentei estimular foi a estratégia que deveriam traçar para fazer o “ponto”, buscando jogar a bola em espaços vazios da outra equipe.

A aula teve, como sempre, seus contratempos. Uma questão difícil de lidar é a participação na aula do começo ao fim. Muitos alunos participam sempre, outros porém alternam em umas e outras atividades. Em uma aula como esta, atrapalha o fato de alguns alunos entrarem

e saírem várias vezes durante um jogo, causando conflitos entre eles pelo fato de um time estar mais numeroso que o outro.

Contudo a aula se desenvolveu bem. Os objetivos em torno da organização das equipes e da busca por estratégias de jogo puderam ser observados. Em dados momentos, alguns alunos se destacaram por exercer certa liderança perante seus companheiros, influenciando-os de forma positiva, ao mesmo tempo em que outros tentavam exercer esse mesmo papel, porém sem nenhuma paciência com os demais, o que provocava certos conflitos entre eles. Com poucas exceções, os alunos souberam resolver seus conflitos durante a aula, mesmo que em muitos casos com a intervenção do professor.

ANÁLISE DA AULA

Os principais pontos de análise dessa aula centram-se nas necessidades que o jogo exige a respeito da organização das equipes. Nesta primeira aula em torno desse tipo de voleibol adaptado, pouco se observou da organização dos alunos em função de uma tática propriamente dita, sendo muito cedo para isso. O que pôde ser observado, porém, foram tentativas por parte de alguns alunos de organizar melhor as suas equipes em quadra quando o professor intervia no sentido de questionar sobre como melhorar o posicionamento para fechar mais os espaços. Neste caso, esses alunos manifestaram, de alguma forma, algumas das características trazidas por Campbell no que se refere às Inteligências Intrapessoais, principalmente quanto à comunicação, influência de opiniões ou ações e adaptação do comportamento frente a essas situações do jogo.

O fato de haver contínuas entradas e saídas de alunos durante as atividades é um fator difícil de lidar. Durante esse jogo alguns alunos mostraram desinteresse, o que pode indicar que o mesmo pode ter apresentado um grau de dificuldade um pouco alto para esses alunos. Da mesma forma, um grau de dificuldade baixo demais também causa desinteresse. Esse fator realça a necessidade de se repensar esse tipo de jogo, promovendo talvez novas adaptações a fim de envolver os alunos por mais tempo na atividade.

Pode-se dizer que o ponto positivo da análise da aula, a cerca das relações pessoais, refere-se às soluções encontradas pelos alunos na *organização* das equipes através das situações que permitiram esse tipo de exercício. No que se refere à *capacidade de liderança*, as

situações do jogo permitiram observar que alguns alunos conseguem manifestá-la mais claramente, enquanto que outros possuem maiores dificuldades. Essa questão (liderar e também ser liderado) tem se mostrado necessária de ser trabalhada com os alunos, havendo a necessidade de se pensar atividades que privilegiem tais elementos característicos das inteligências pessoais.

ANÁLISE GERAL

Em uma análise geral, buscaremos retomar os elementos de maior destaque presentes nas análises de cada aula. Alguns desses elementos aparecem várias vezes e em diferentes momentos, revelando a necessidade de um maior enfoque contextual e situacional.

Atentando para o fato da escola se encontrar inserida em um contexto social (Betti, 1991), espera-se que ela corresponda às expectativas da sociedade em termos de educação. Sendo que o professor é responsável por grande parte desse processo educacional, deve ser constante sua preocupação na busca por um ambiente que estimule os elementos da educação não de forma restrita, mas amplamente. Justamente por este ser um educador, ele deve ter por objetivo a promoção do ser humano e contribuir para que ele conheça melhor os elementos de sua situação, “transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens.” (Saviani, 1989, p.41).

Ao falarmos de atividades em aulas de educação física, temos como objetos de conhecimento alguns temas relacionados à cultura corporal. Quando essas atividades corporais são realizadas em grupo, de forma a incentivar a integração, há como consequência a necessidade de aceitação em termos de proximidade física e até mesmo contato corporal por parte das pessoas desse grupo. Os principais pontos de análise em torno dessas atividades nos revelam, nesse sentido, que é possível estabelecer situações favoráveis à integração, conseguindo que se construam ambientes de respeito e cooperação entre os alunos, aproveitando as exigências e características de cada uma. Os objetivos dessas aulas, porém, não tiveram a pretensão de mudar comportamentos, mas sim de apresentar possibilidades aos alunos. As atividades buscaram criar ambientes propícios para o estímulo de ações de comunicação, mediação, integração e cooperação entre os alunos da turma.

Quando uma determinada atividade possibilita e exige ações individuais em prol de um grupo, até mesmo de uma equipe em uma competição, ela contribui para estimular no aluno o entendimento da responsabilidade e importância da sua contribuição para esse grupo. Essa verificação pôde ser feita em várias atividades propostas.

Além disso, outro ponto a ser ressaltado, no que se refere a uma das características das inteligências interpessoais, é a exigência em termos de adaptações

comportamentais constantes a diferentes situações. Em muitos casos, o caráter lúdico de uma atividade possibilita maior interação entre os alunos, inclusive entre alunos que não apresentam relações de amizade ou afinidade no ambiente da escola, e permite que haja cooperação mútua entre eles quando há um objetivo a ser alcançado.

Outros pontos relevantes nas análises nos indicam que elementos ligados mais especificamente às relações intrapessoais também puderam ser trabalhados nas aulas. Apesar de algumas dificuldades, devido talvez às características da turma, foi possível estabelecer ambientes de estímulo para tais relações em várias atividades. As análises das aulas nas quais foram propostas atividades objetivando as diferentes formas de se perceber o corpo (aulas 4 e 5 – consciência corporal), possibilitaram um ambiente de estímulo a ações diferenciadas em termos de atenção em relação ao corpo, percepção e expressão de sentimentos e emoções⁷.

As propostas de atividades que objetivaram essas experiências corporais internas tiveram suas análises em torno também de outros elementos que puderam ser verificados como estimuladores das inteligências intrapessoais, pois criavam situações estimuladoras da curiosidade, da persistência de se vencer uma dificuldade buscando melhores maneiras para se alcançar os objetivos, caracterizando novas e contínuas necessidades de adaptação. Além disso, a necessidade do respeito e da cooperação era evidenciada nessas atividades, que criavam situações que exigiam tais comportamentos em função das suas necessidades.

Objetivou-se com isso, a transcendência do entendimento de tais necessidades para além das atividades em si, possibilitando uma compreensão mais ampla por parte dos alunos. Como dito anteriormente, o objetivo principal não buscou analisar mudanças no comportamento ou aquisição de alguma habilidade, mas analisar a contribuição de cada aula no sentido de apresentar possibilidades em meio às relações pessoais.

Entretanto as análises das aulas indicam que existem dificuldades de se trabalhar certos tipos de atividades nesse grupo, havendo a necessidade de se buscar novas formas de trabalhos referentes a tais conhecimentos, atentando-se principalmente para as expectativas e motivações dos alunos. Esses aspectos são relevantes para que os objetivos das aulas sejam alcançados e para que haja interesse e participação de todos. Deve estar claro, no entanto, que motivar alunos não significa atender sempre as suas vontades imediatas. O desafio é

⁷ “O melhor caminho para conhecer a si próprio é aquele do reconhecimento das próprias emoções, desejos, necessidades e pensamentos e de suas manifestações que se dão por meio da expressão corporal”. (Hirama, 2002, p. 48)

conseguir com que a aula desperte curiosidades acerca dos assuntos, permitindo assim, que essas mesmas curiosidades se transformem em interesses motivadores para novas aprendizagens.

5 Considerações Finais

Após refletir sobre as aulas e suas análises, juntamente com o referencial teórico utilizado, algumas considerações são importantes.

Um dos pontos relevantes de ser ressaltado é a questão da contínua necessidade de remanejamento e reestruturação do planejamento inicial. Deve-se atentar continuamente para as necessidades da população em questão, como observa Saviani (1989) ao ressaltar que a educação deve levar em conta as necessidades humanas a partir do “contexto existencial concreto”, ou seja, a partir da realidade concreta de cada sociedade. Essa necessidade foi percebida durante as aulas e suas respectivas análises, nas quais se pôde notar situações e comportamentos por parte dos alunos que não necessariamente se repetiriam em um outro local, com alunos de um outro contexto. Nesta turma, particularmente, as maiores dificuldades nas aulas centraram-se nas atividades menos dinâmicas, principalmente nas quais não existia o fator da competição. Várias atividades tiveram que ser adaptadas nesse sentido a fim de envolver realmente toda a turma. Contudo esse reajuste contínuo no planejamento inicial não implicou em alterar a programação do conteúdo a ser trabalhado, mas apenas em uma adequação do mesmo às peculiaridades de cada situação em que se encontraram problemas na manutenção do plano inicial.

Outra questão a ser mencionada é a possibilidade de se trabalhar questões pertinentes a tais necessidades através dos conhecimentos de cada disciplina. Neste caso a educação física possibilita, de maneira privilegiada, a ênfase em situações ligadas às relações interpessoais e intrapessoais, por ser uma disciplina que trabalha com as questões corporais. Através das atividades realizadas, várias possibilidades de ação foram propostas aos alunos como alternativas de lidar com situações que, em muitos casos, poderiam criar conflitos de relacionamento. Essas atividades não buscaram em momento algum a esquiva de situações conflitantes, mas sim apresentar possibilidades de conduta frente a tais situações, respeitando-se a defesa de interesses e a reflexão sobre os mesmos.

Situações estimuladoras de elementos característicos das inteligências pessoais puderam ser analisadas nas atividades. Contudo, vários outros elementos não apareceram

claramente, o que requer a necessidade de novas reflexões a respeito, assim como a necessidade de se buscar novas possibilidades de trabalho com os conhecimentos da educação física.

Avaliando-se a importância de se trabalhar as relações pessoais na escola, não apenas na Educação Física, mas também nas demais disciplinas, é necessário que se busquem novos e profundos conhecimentos sobre o assunto. Pesquisas relacionadas ao tema em questão tornam-se pertinentes quando avaliamos a sociedade brasileira e suas necessidades e expectativas em relação à educação. Também é conveniente ressaltar que não é apenas papel da Educação Física preocupar-se com o assunto em questão, mas é também das demais disciplinas, que podem, através dos seus conhecimentos próprios, contribuir para a promoção das relações pessoais, estimulando ações para o desenvolvimento das inteligências pessoais nas aulas. Por isso é necessário que novas pesquisas mergulhem a fundo no tema em questão, contribuindo assim para uma educação mais humana, que privilegie o social, a relação entre as pessoas de maneira construtiva, que contribua realmente para a promoção do ser humano e o seu desenvolvimento amplo.

Referências Bibliográficas

ARMSTRONG, T. **Inteligências Múltiplas na Sala de Aula**. Porto Alegre: ArtMed, 2ª ed. 2001.

BETTI, M. **Educação Física e Sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

CAMPBELL, L. et al. **Ensino e Aprendizagem por Meio das Inteligências Múltiplas**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DIAS, J. A. **Sistema Escolar Brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1984.

FAZENDA, I. C. A. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1994.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente**. A teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. **Inteligência**. Múltiplas perspectivas. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Inteligência: Um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HIRAMA, E. P. **As Emoções na Educação Física Escolar**. Campinas: [s.n.], 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, N. R. C. **Concepção de Infância na Educação Física Brasileira: primeiras aproximações**. Campinas, [s.n.], 2003.

SAVIANI, D. **Educação; do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo: Cortez, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.